

Arquidiocese de Niterói  
Paroquia Nossa Senhora da Assunção  
Cristologia – Pe. Marcelo Chelles – 1ª Aula

Em teologia fundamental, vocês viram que ciência significa aprender, ou alcançar conhecimento, é um conhecimento criticamente fundamentado, caracteriza-se pelo conhecimento racional, sistemático e verificável.

Todas as ciências possuem: Objeto, método e objetivo.

- O Objeto: pode ser Material ou Formal:

Material é a Coisa que se estuda; Formal é o enfoque que se dá para estudar o objeto.

-Método: é o meio utilizado, é o modo de proceder para chegar ao conhecimento.

-Objetivo: é o que se quer alcançar ao analisar o objeto, é a utilidade de tal pesquisa.

E a Teologia pode ser chamada de ciência? Para responder a esta pergunta vamos lançar mão da Teologia Tomista. Sto. Tomás abre a sua investigação teológica respondendo afirmativamente: A teologia é ciência divina<sup>i</sup> que impera sobre todas as demais ciências<sup>ii</sup> e é mais excelente que as outras ciências por considerar o que de mais elevado há<sup>iii</sup>; e ela está para além da razão<sup>iv</sup> sem, no entanto, opor-se à razão. A teologia considera as causas superiores, isto é, as causas divinas<sup>v</sup>. Mas os princípios da teologia são aqueles revelados por Deus; por isso, a teologia é ciência não enquanto toma os seus princípios de outras ciências naturais, como a filosofia<sup>vi</sup>, mas da revelação divina<sup>vii</sup>. Tudo que se encontra compreendido na doutrina

sagrada se refere a um único sujeito dado na revelação: Deus. Por este motivo, a teologia é uma ciência uma e única<sup>viii</sup>. Teologia não é simples ato de fé, também não é razão pura. A ciência teológica é a razão iluminada pela fé.

Posto isto, falemos então do objeto, do método e do objetivo da ciência teológica.

Teologia, em seu sentido literal, vem do grego, *theos* = *Deus*; + *logos* = *palavra*, é o estudo sobre Deus. Assim o objeto de estudo da teologia é *Deus*. Entretanto como não é possível estudar diretamente um objeto que não vemos e não tocamos, estuda-se Deus a partir da sua revelação. No Cristianismo isto se dá a partir da revelação de Deus na *Bíblia*. Então, o objeto material da Teologia é Deus e o objeto formal é o Deus revelado.

Qual método é empregado pela teologia? Tomás desenvolveu o método chamado analógico<sup>ix</sup>. O método analógico consiste nisso que, mediante um nome, os conceitos podem ser utilizados para significar outras coisas. E isso ocorre porque distingue-se o significado de uma palavra, do modo como é utilizado para significar. **análogo** diz-se de algo que comumente se aplica a muitos, segundo uma comparação por proporção. A analogia pode ser: *de proporcionalidade*, quando os sujeitos possuem a perfeição significada de modos diversos, mas semelhantes, como por exemplo, ser dito do homem, do anjo e de Deus; *de atribuição*, quando um dos sujeitos possui a perfeição em sua plenitude e os demais por participação ou de modo derivado, como por exemplo, o amor dito de Deus e por atribuição do homem e do anjo. Assim o método utilizado pela teologia é analógico.

E por fim, para responder quanto ao objetivo desta ciência, é preciso saber que como todas as outras ciências, a doutrina sagrada não se vale da argumentação para provar seus próprios princípios,

que são as verdades da fé; mas se valerá da argumentação para disputar, debater e combater os que se opõem a ela. Mas se o adversário não acredita em nada das verdades reveladas, não resta nenhum modo de provar com argumentos os artigos da fé: pode-se apenas refutar os argumentos que oporia à fé<sup>x</sup>. Como já dissemos, a doutrina sagrada utiliza a razão humana não para provar a fé, o que lhe tiraria o mérito, mas para iluminar alguns outros pontos que esta doutrina ensina. Assim, a doutrina sagrada usa também da autoridade dos filósofos quando, por sua razão natural, podem atingir a verdade<sup>xi</sup>. Logo o objetivo desta ciência fica claro, pois a teologia se eleva por cima das outras ciências pela grandeza de seu objeto (Deus), pela suprema certeza de seus conhecimentos (revelados por Deus), que se fundam no saber infalível de Deus, e por sua ordem direta ao supremo fim do homem. O fim primordial da teologia é a perfeição do homem: conhecer para amar, amar para se salvar.

### **CRISTOLOGIA: A PESSOA DE JESUS CRISTO**

As narrativas de Marcos (8,29) e de Mateus (16,15) se caracterizam por mostrar Jesus, antes do anúncio a seus discípulos de sua paixão iminente, fazendo-lhes a pergunta decisiva: "E vós, quem dizeis que eu sou?"

Primeiramente, os dois evangelistas contam qual era a idéia que o povo tinha de Jesus: João Batista ... ou um dos profetas. Mas Pedro toma a palavra e diz-lhe: "Tu és o Cristo" (Mc 8,29) ou: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16,16).

A resposta era como que uma antecipação da fé cristológica, que desabrocharia na Páscoa. De fato, essa resposta de Pedro, em Cesaréia de Filipe, coincide com o conteúdo da primeira pregação querigmática da Igreja apostólica. No dia de Pentecostes, segundo referem os Atos, quando Pedro se levantou com os onze para dirigir aos judeus a mensagem considerada como a primeira pregação

cristã, o ponto alto de suas palavras foi: "Que toda a casa de Israel saiba com certeza: a esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2,36).

O Cristo, o Senhor; o Filho de Deus, esses três títulos constituem o núcleo da fé cristológica primitiva e evidenciam, claramente, o lugar central que essa confissão ocupou, desde o início, na fé da Igreja cristã. O essencial consiste em atribuir ao homem Jesus, cujo nome próprio era Yeshua, um título particular (Messias, o ungido, o cristo). Nasceu assim a confissão da fé "Jesus é o Cristo", que só mais tarde evoluiria para o nome composto "Jesus Cristo".

A história das religiões apresenta casos semelhantes, porém o mais surpreendente é o de Gautama, o Buda. Assim como a fé cristã deu a Jesus o título de "ungido", também a tradição budista distinguiu Gautama com o título de "Buddha" (o iluminado). Se a tradição cristã caminhou do Yeshua da história, para o Cristo da fé, a tradição budista desenvolveu-se do Gautama da história, ao Buda da fé. Nos dois casos, as tradições religiosas daí originadas cunharam seu nome dos títulos conferidos aos respectivos fundadores: cristianismo e budismo.

Há, porém, uma diferença. Por mais que na tradição budista se exalte o papel de Gautama, não há comparação com o que a fé cristã atribui a Jesus. Gautama, é verdade, pregou uma mensagem de libertação, tal como Jesus anunciou a Boa Nova do Reino de Deus. Além disso, Gautama agiu com a autoridade que uma experiência religiosa eminente e ímpar lhe outorgou, assim como a autoridade de Jesus brotou de sua experiência de Deus como Abba. No entanto, se Gautama é um salvador, ele o é como "iluminado", semelhante a alguém que, com seu exemplo, aponta aos outros o caminho da libertação. Jesus, ao contrário, é o próprio caminho. Desde o tempo dos apóstolos a fé cristã proclamou Jesus como salvador universal, e

nisso a Igreja apostólica não pretendeu impor novidade alguma, apenas reconheceu o significado e anunciou o que o próprio Deus havia feito em prol da humanidade na pessoa e no evento Jesus Cristo.

### **CRISTOCENTRISMO**

A pessoa, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo são de tal forma centrais para o mistério cristão, que se diz que "o cristianismo é Cristo". Tal expressão explica-se pelo fato de a Igreja encontrar sua razão de ser e seu significado em Jesus Cristo, ao qual está plenamente unida e subordinada, o que se quer é inculcar que a pessoa e a obra de Jesus constituem a fonte, o centro e o fim, o alfa e o ômega de tudo o que o cristianismo significa e anuncia ao mundo. Por conseguinte, a teologia cristã há de ser essencialmente cristocêntrica. Não que a cristologia esgote toda a teologia, mas oferece a ela a necessária chave interpretativa, funcionando, assim, como princípio hermenêutico de todo o edifício. Protologia e escatologia, antropologia e teologia, eclesiologia e sacramentologia, são diferentes partes de uma construção teológica que busca sua unidade e coerência, seu sentido e sua chave interpretativa na pessoa e no acontecimento de Jesus Cristo, que a centraliza. Por ele os cristãos aprendem a descobrir quem é, realmente, Deus; quem são os homens, qual sua verdadeira origem e destino, qual o significado e o valor do mundo e da história, qual o papel da Igreja como guia da humanidade em seu peregrinar pelos séculos afora.

O Concílio Vaticano II acentuou fortemente a relação da Igreja com o mistério de Cristo, ao defini-la como "sacramento", ou seja, como "sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG 1), acrescentando que ela é "sacramento universal da salvação" (LG, 48). Expressamente, o Concílio assumiu a visão teológica segundo a qual Jesus Cristo, mistério vivo da

salvação, é o "sacramento primordial" (Ursakrament) do encontro do homem com Deus, e a Igreja é, em decorrência, o sacramento do encontro com o Senhor ressuscitado. Fica, então, bem claro que o mistério cristão (e a teologia, cujo conteúdo consiste em articulá-lo) é, por definição, cristocêntrico. O mistério primordial é Jesus Cristo. Dele surge a Igreja e com ele se relaciona.

Contudo, Cristo, o sacramento, não exaure o mistério de Deus; antes, aponta para ele. Cristocentrismo e teocentrismo não se opõem. O primeiro implica e exige o segundo. Uma das razões disso já foi dada: o homem Jesus é "o sacramento do encontro com Deus. Assim, por seu ser e por seu rosto humano, entramos em contato com o próprio Deus, porque, em sua pessoa, a divindade e a humanidade se uniram, indissolúvelmente, como Filho de Deus que se fez homem. Em outras palavras, Jesus não é um meio-termo entre Deus e os homens. Ele não é um "intermediário" que, não sendo nem um e nem outro, quer unir, em vão, o abismo que separa o infinito do finito. Ele é o "mediador" no qual as duas extremidades estão juntas, de forma irrevogável, porque Ele é Deus e homem completo.

### **Do Jesus pré-pascal ao Cristo Pascal**

Um outro ponto de importante reflexão na cristologia é a questão do Cristo pré-pascal ao Cristo pascal. Observa-se que o Novo Testamento, é absolutamente fundamentado na cristologia. Porém, qual é o ponto de partida? Será o Cristo pós-pascal dos discípulos e da Igreja apostólica? Ou o Jesus pré-pascal?

É de se reconhecer, plenamente, o papel decisivo que a ressurreição de Jesus e a experiência pascal dos discípulos representam no surgimento da fé cristológica. É delas que essa fé nasce e, nesse sentido, assinalam seu ponto de partida. Antes da ressurreição de Jesus, os discípulos não haviam captado o verdadeiro

significado da pessoa e da obra do Mestre. Mantinham, sem dúvida, alguma noção imprecisa do seu mistério e entreviam nele o profeta escatológico do Reino de Deus, mas sem apreender, exatamente, o significado do que Jesus lhes dissera. Seu desânimo total diante do triste e vergonhoso espetáculo da morte de Jesus ("esperávamos", Lc 24,21) e a lentidão em crer e entender, após a ressurreição, dramaticamente emblemada na recusa teimosa de Tomé e, depois, em sua modelar profissão de fé ("Meu Senhor e meu Deus", Jo 20,28), denunciam a visão limitada dos discípulos durante a vida terrena de Jesus.

O que se quer colocar aqui é o seguinte: os evangelhos foram escritos após a Páscoa. Teriam sido os evangelhos influenciados em sua linguagem em virtude da Páscoa. Algumas expressões não teriam sido colocados nos lábios dos discípulos por causa da influência pascal? Ou de fato, estas expressões teriam sido ditas tais como as encontramos nos evangelhos? Vale lembrar, que mesmo que tenham sido criadas pelo autor bíblico não perdem sua verdade, de mensagem de Deus, mas o fato é o de entender como os discípulos compreendiam Jesus. Vamos olhar dois exemplos:

Os exegetas dizem que a narrativa de Mateus foi muito influenciada em sua redação e reflete um tratamento cristológico pós-pascal. Assim, a profissão de fé formulada por Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16,16), precisa ser interpretada prudentemente. Pois teria Pedro feito tal profissão sem a Páscoa? O mesmo dizem de Mt 14,33, passagem que atribui aos discípulos, antes da Páscoa, uma profissão de fé amadurecida: "Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!". Já o texto paralelo de Marcos não traz essa profissão de fé, limitando-se a referir o espanto dos discípulos (Mc 6,51). É difícil dar uma resposta última a esta

questão, mas o que todos concordam é que isso não altera a validade de testemunha dos evangelhos.

Assim escreve J. Schnackenburg sobre a diferença entre a fé dos discípulos antes e depois da ressurreição de Jesus:

Verificar que os discípulos não alcançam, antes da Páscoa, uma verdadeira fé cristológica não significa afirmar que não tivessem nenhuma fé em Jesus, na peregrinação terrena com ele. Por que o seguiram então? Por que conviviam com ele? Seria difícil, porém, determinar mais claramente o conteúdo de sua atitude de fé. Pelo pedido dos filhos de Zebedeu (Mc 10,37; cf. Mt 20,21) e por outros indícios, pode-se concluir que ainda estavam concentrados em esperanças messiânicas terrenas. Assim os retrata Lucas até a ascensão de Jesus (cf.. Lc 19,11; 22,38; 24,21; At 1,6). Ele vê a mudança apenas com a vinda do Espírito, em Pentecostes, quando, pela voz de Pedro, anunciam em uníssono e numa formulação exata: "esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2,36). O que Lucas enfatiza, em sua visão teológica, constitui a convicção essencial dos quatro evangelistas, a saber, que só depois da ressurreição de Jesus os discípulos atingiram a plena fé em Jesus, como Messias e Filho de Deus.

Por assinalarem o início de sua fé cristológica, a ressurreição de Jesus e a experiência pascal dos discípulos não garantem que a ressurreição de Jesus, por si só, "prove" ou testemunhe a identidade pessoal do Ressuscitado como filho de Deus. A identidade pessoal de Jesus é objeto de fé, não decorre de demonstração alguma. Sem dúvida, as "aparições" do Ressuscitado a seus discípulos constituem sinais capazes de suscitar e apoiar a fé. Sem eles, os discípulos, provavelmente, não captariam a real transformação ocorrida na humanidade de Jesus. Mas não seria possível atingir a fé na



ressurreição com base apenas nesse dado das aparições, como se fossem suficientes para comprová-la.

---

<sup>i</sup> In I Sent.q1,a3, qc.2, sc.1;De Trinitate, pars 3,q5,a1,co.3

<sup>ii</sup> In I Sent.q1,a1,c

<sup>iii</sup> STh.I,q1,a5,c

<sup>iv</sup> In I Sent.q1,a5,ad3

<sup>v</sup> De pot.q1,a4,c

<sup>vi</sup> *A Filosofia não dá conta de discursar sobre Deus: A Escritura inspirada e revelada por Deus não forma parte das disciplinas filosóficas. É útil que além das disciplinas filosóficas, haja outra ciência inspirada por Deus [STh.I,q1,a1, sed contra]. As disciplinas filosóficas são pesquisadas pela razão humana e a teologia se funda na revelação divina [STh.I,q1,a1,c]; e foi necessário que estas coisas divinas, que ultrapassam a razão do homem e que devem ser acolhidas na fé [STh.I,q1,a1,ad1], fossem comunicadas por revelação divina, já que a razão humana, sem a revelação, não alcançaria senão a apenas um pequeno número de verdades divinas.*

<sup>vii</sup> STh.I,q1,a2,c

<sup>viii</sup> STh.I,q1,a3,c

<sup>ix</sup> Cf. WERBICK, J., As formas de linguagem do testemunho. In SCHNEIDER, T. (org.). Manual de dogmática. v.1, p. 28-41. Muitos autores discutem se é possível falar acerca de Deus ou não. Alguns partem do princípio de ser impossível. Afirmam ser o homem limitado e logo incapaz de atingir a divina essência. Nós não vamos percorrer essas linhas de debates, tomamos aqui a posição tomista e católica: que ensina ser possível falar sobre Deus e a Ele aplicar nomes, ainda que não atingindo totalmente a divina essência, pois o mistério continua mistério, mas os nomes que aplicamos não são puros nomes; de algum modo é possível falar de forma correta, de algum modo se atinge o mistério, não só o tangencia, e este modo é pela analogia de atribuição. Essa nomeação analógica que parte das criaturas e se aplica a Deus, exclui que os nomes sejam utilizados univocamente, que ao nomearem o divino, refiram-se a mesma coisa que ao nomearem realidades criadas. Mas o nomeado em cada caso, também não pode diferir de maneira completa como se a igualdade do nome consistisse apenas

---

na igualdade literal da palavra e o nome usado equivocadamente para ambas as realidades. Pelo contrário, esses nomes são usados com referência a Deus e às criaturas no sentido da analogia. Assim a linguagem humana atinge, mas não abarca tudo o que DEUS É!

A escolástica identificou três caminhos para o discurso analógico: a via da negação, a via da eminência e a via da causalidade. Cf. AQUINO, Tomás de (Santo) Suma teológica I, q. 1, art. 7 e I, q. 13, a. 1. Santo Tomás diz que em todas as coisas há elementos comuns e diferentes, por exemplo: a pedra, o homem e Deus existem, mas cada qual tem seu modo de existir. O ato de existir é a perfeição do ser, então pedra, homem e Deus têm em comum o existir, Deus porém é o ipsum esse = aquele que existe por si mesmo. A isso chamamos de analogia entis, pelo ato de existir, há um nexó de comunhão.

<sup>x</sup> STh.I,q1,a8,c

<sup>xi</sup> STh.I,q1,a8,ad2.